



ECOS DO CÁRCERE



C C C C C C C C
D D D D D D D D
N N N N N N N N
C C C C C C C C
E E E E E E E E
J J J J J J J J
D D D D D D D D
C A N C E L A # C A N C E L A
C A N C E L A # C A N C E L A

C C C C C C C C
D D D D D D D D
N N N N N N N N
C C C C C C C C
E E E E E E E E
J J J J J J J J
D D D D D D D D
C A N C E L A # C A N C E L A
C A N C E L A # C A N C E L A

C C C C C C C C
D D D D D D D D
N N N N N N N N
C C C C C C C C
E E E E E E E E
J J J J J J J J
D D D D D D D D

ECOS DO CÁRCERE

2024

**“ÀS VEZES TENTO IMAGINAR COMO AS PESSOAS
QUE FORAM ESCRAVIZADAS NO INÍCIO
IMAGINAVAM A LIBERDADE [...]
HOJE NÓS SOMOS BENEFICIADOS POR
ESSAS PESSOAS QUE HÁ CENTENAS DE ANOS
DESEJARAM UM MUNDO DIFERENTE”
ANGELA DAVIS**

Considerando essa reflexão de Angela Davis, podemos amplificar outra provocação da filósofa estadunidense: as prisões estão obsoletas?

Uma pergunta que poderia ser uma afirmação, já que espelha uma questão de dimensão ética e coletiva, cujos efeitos alcançam a micro e a macro estrutura social e atravessam corpos e subjetividades específicas: o Brasil segue, em crescimento exponencial, como um dos países com maior índice de encarceramento em massa, sobretudo da população negra: mais de 60%, segundo os dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Desse modo, a relação entre cárcere e escravidão é reforçada pelos números e pela intersecção entre raça e classe.

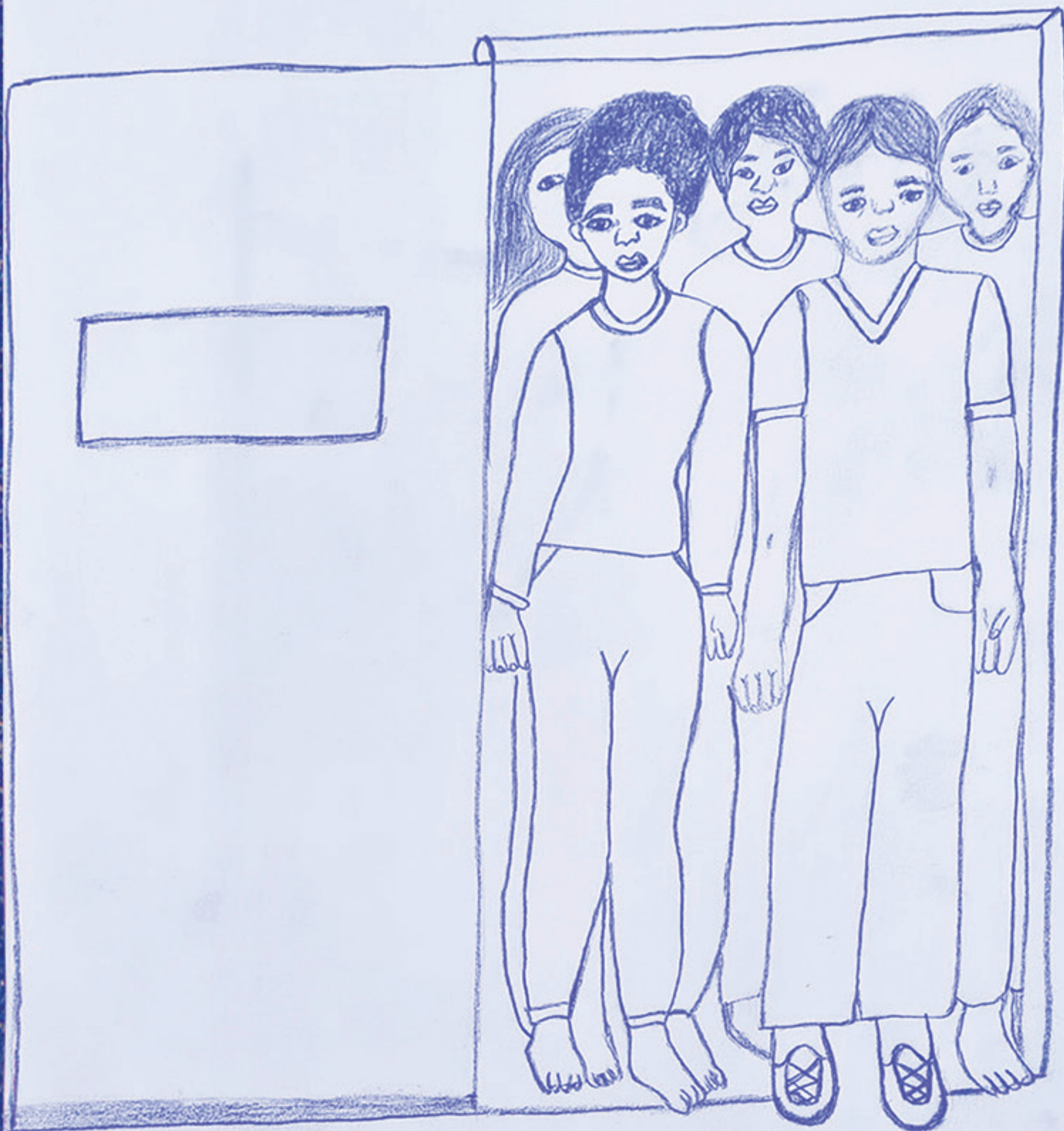
Nesta edição do projeto **#CANCELA: ECOS DO CÁRCERE** – iniciativa que reúne transversalmente as áreas da educação e das artes, por meio de bate-papos, apresentações e oficinas – questões de gênero e sexualidade somam-se a esse contexto racial, abrindo espaço para questionar a naturalização

do sistema prisional como destino único a quem infringe leis, a cultura punitivista no Brasil e seus impactos na vida de diversas mulheres.

Marcada pelo racismo estrutural, por desigualdades e violência, a realidade de pessoas encarceradas sofre de profunda desumanização, nos impondo questionamentos que desafiam estereótipos: que afetos são possíveis no tempo de vida de pessoas em cárcere, ou que acabaram de sair dele? Quando se insiste na manutenção de prisões, qual perspectiva de futuro está em jogo?

O Sesc reitera seu compromisso com os direitos humanos, e busca, por meio de suas propostas, a construção de uma sociedade mais equânime. Compreende, assim, este projeto como mais uma ação que incentiva o diálogo e que busca tecer caminhos para imaginar e concretizar futuros com mais dignidade.

Sesc São Paulo



CANCELAR VERBO

1.

TRANSITIVO DIRETO
TORNAR [ALGO] NULO, SEM EFEITO, SEM VALOR.

2.

TRANSITIVO DIRETO
ELIMINAR OU RISCAR [O QUE ESTÁ ESCRITO]
PARA TORNAR SEM EFEITO.

#CANCELA: ECOS DO CÁRCERE. O Brasil é um dos países com maior população carcerária no mundo. A política de encarceramento em massa afeta principalmente uma fatia da sociedade: a maioria da população carcerária é negra, pobre, jovem e não terminou o Ensino Fundamental. São pessoas em situação de vulnerabilidade social que, no sistema carcerário, são tratadas segundo a lógica descrita anteriormente: tal sistema torna sem efeito, busca eliminar, riscar, anular as vidas das pessoas que por ele passam.

Tanto pior é perceber que o crescimento de pessoas privadas de liberdade aumenta junto ao déficit de vagas no sistema carcerário, precarizando ao máximo os espaços e convivências, quanto o fato de que quase metade dessa população é composta por pessoas encarceradas de forma provisória, ainda à espera de julgamento.

Vidas canceladas na superlotação dos presídios brasileiros, cuja violência é notavelmente parte do cotidiano, seja pelas “leis de dentro”, seja por condições precárias de acomodação, higiene e alimentação, com violências processuais e físicas, além de estigmas que seguem cancelando essas vidas, mesmo após o período de encarceramento e a execução penal.

#CANCELA: ECOS DO CÁRCERE nasce do desejo de viabilizar diálogos sobre o encarceramento em massa e a privação de liberdade, com uma programação transdisciplinar que reflete sobre o punitivismo

enquanto política de Estado e suas intersecções com raça, gênero e classe social. O projeto começa a tomar forma com as provocações do espetáculo teatral “Parto Pavilhão”, que conta a história de uma mulher preta, mãe e encarcerada que organiza uma fuga para suas colegas mães e seus bebês de colo. Quando ouvimos as vozes dessas mulheres? Quando as vemos? Quem as visita? Quem são? Onde estão seus filhos e filhas? Quais são suas histórias? Em coletivo, começamos a nos fazer perguntas até então invisíveis e semear esse projeto, que floresce de vozes múltiplas.

A equipe de programação do Sesc Pompeia se uniu para organizar ações que incentivam a reflexão sobre o papel da arte no debate sobre o punitivismo como política estatal. Esse ciclo propõe, para tanto, três bate-papos com especialistas no tema e pessoas egressas de penitenciárias femininas. Serão oferecidas oficinas voltadas principalmente para pessoas egressas: uma de teatro e outra de dramaturgia. Também serão realizadas oficinas de artes têxteis, organizadas por um coletivo que promoverá atividades artísticas e profissionalizantes por e para mulheres que saíram do sistema prisional. Haverá, também, a exibição de um documentário que registra o trabalho realizado a partir de aulas de canto na Penitenciária Feminina de São Paulo. E, finalmente, a elaboração deste material de mediação que traz narrativas pessoais, coletivas e poéticas de pessoas que carregam consigo a luta por memória, verdade e justiça social em suas vidas pós-cárcere.

A questão que fica não é trivial: quais corpos, quais visões de mundo e quais perguntas nós CANCELAMOS ao eliminar de nosso convívio pessoas cidadãs? Ou estamos de fato optando por um caminho que CANCELA a cidadania, a voz e os direitos de algumas pessoas?

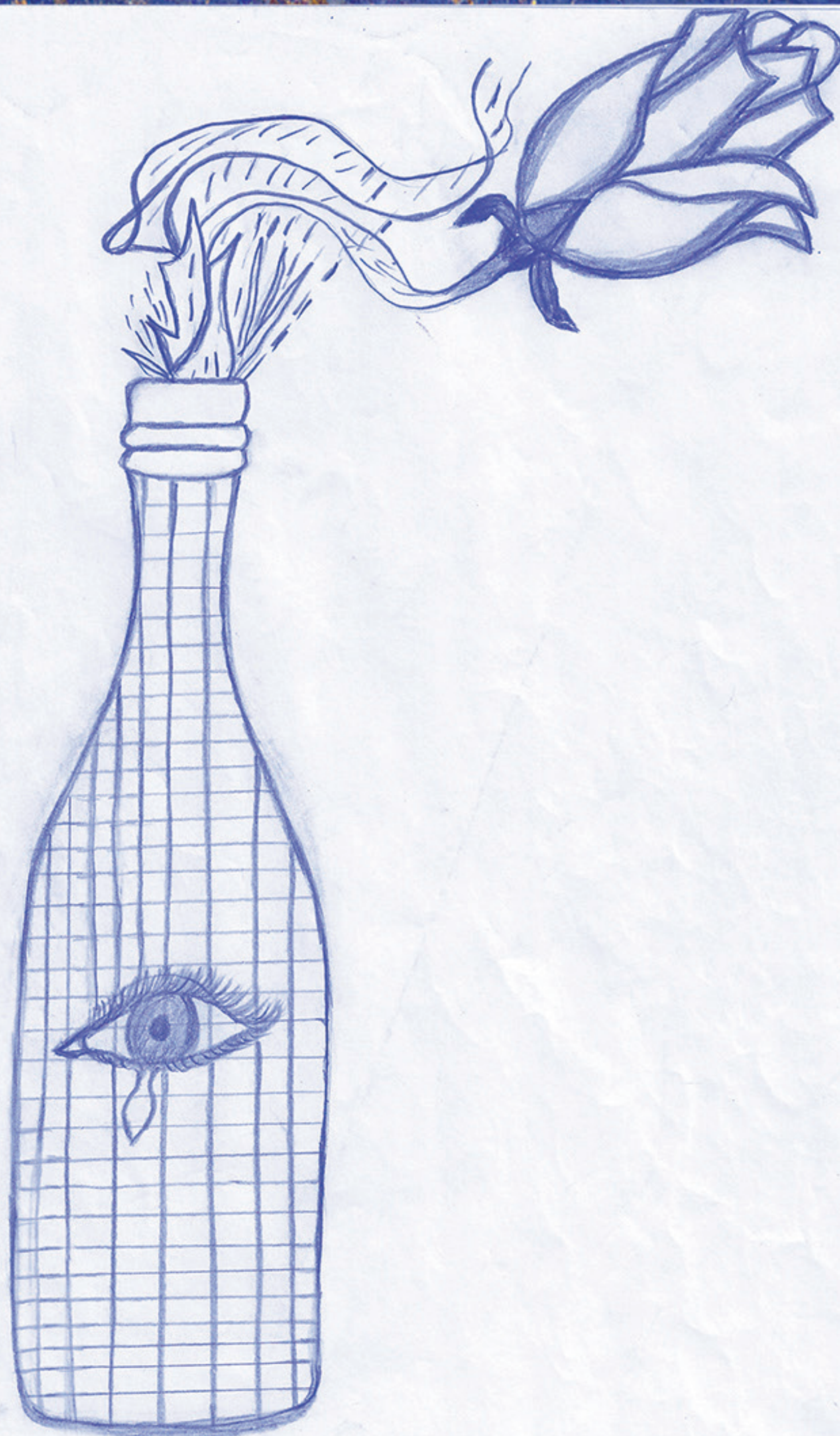
Esperamos que esse projeto contribua para o debate público sobre segregação e justiça coletiva, questionando o punitivismo como único caminho para a execução da lei, uma vez que os índices de reincidência, bem como os de prisão sem julgamento, são tão gritantes quanto a herança colonial que compõe o perfil da população que superlota as penitenciárias.

O **#CANCELA: ECOS DO CÁRCERE** propõe um ciclo de ações voltadas para diferentes aspectos que impactam a vivência em penitenciárias femininas e a situação das mulheres no sistema carcerário. Entre os temas abordados estão violência, racismo, encarceramento em massa, saúde mental, relações afetivas e o afastamento de suas famílias.

Reconhecemos que a presença e o relato de quem viveu a experiência do cárcere são fundamentais para abrirmos esse diálogo. No entanto, relatos aqui reunidos trazem conteúdos sensíveis podendo gerar gatilhos emocionais.

Sesc Pompeia

RELATO POÉTICO



MIRAS

LOUCURA DE CAMBURÃO



*NICOLAU ORI LAUREN

DIA 1

É, acho que esse foi o dia mais violento e impotente da minha vida até agora. Não sei se choro o dia todo, se incorporo um personagem pra fingir normalidade aqui dentro, se só mantenho a calma... Fico na minha e interajo com as presas (inclusive, ganhei estas folhas e acho que é isso que vai me salvar da loucura neste pesadelo). A verdade é que nem entendi o porquê de eu estar preso ainda, só preferi não falar nada, então eles só me trouxeram e também não disseram nada. Pela minha trajetória, achei que era mais provável que me matassem do que me prendessem, mas o sistema sempre arranja uma maneira de trazer reflexões pra gente, não de uma forma boa...

♪ **TUDO CAMBURÃO TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO** ♪ **[MARCELO YUKA]**

6h da manhã, acordando com um fuzil na cara. O que vocês tão fazendo aqui na minha casa? "Fica parado, fica parado", falou o alibã. Era uma operação, uma puta operação em que "coincidentemente" eu estava. No chiqueirinho, por 8 horas algemado no sol, na minha cabeça passaram mil fitas, miiil fitas... O que eu fiz pra tá aqui? Fiz de tudo pra não cair no crime.

Eu tentei fazer o corre certinho, tá ligado. Achei que assim fosse dar certo...

Fui pra escola, estudei, até fiz aquela universidade que falaram que se fizesse tudo ia dar caminhar...

De que adianta?

Pelo jeito, não importa o que a gente faça, é sempre o mesmo resultado, sempre o mesmo resultado, sempre o mesmo resultado.

Isso me faz pensar que na realidade não é sobre o ato. Sempre foi sobre o corpo.

Em posição fetal, com mão e pé algemados no camburão.

Veio em mim uma lembrança ancestral, talvez a posição tenha me engatilhado a ponto de desbloquear essa memória, que, por sinal, não é só minha.

Era um dos meus, nessa mesma posição, em um extremo misto de ódio e melancolia.

Senti um calor no meu corpo, como se eu me transferisse pra cena desse ancestral e em seguida ele se transferisse ali comigo, em algo que por um momento me pareceu como um abraço. Desafiando todos os conceitos científicos de tempo e espaço.

Naquele instante, compartilhei daquele sentimento de melancolia e ódio, ódio e MAIS ÓDIO...

Nessa hora, junto com uma espécie de frescor nas costas, também veio a memória de que nesse corpo tem sangue, e esse sangue é quilombola.

ESSE SANGUE É QUILOMBOLA, EU NASCI PORQUE QUEM VEIO ANTES ERA BRABO

É quilombola e "coincidentemente" o mundo também quer me prender/matar...

Já não sei bem diferenciar o prender e o matar, sinto que ser preso mata quem já fui ou sonhava ser.

Então também já não sei se tô vivo.

Me refiro àquela lá que existia antes.

Mas também não sei se já sou o que vai vir depois daqui.

Pode ser que o meu eu esteja em lugar transitório, entre vida e morte, novamente, estando vivo, só que em período de espera pra existir.

Quem vai ler isso no futuro provavelmente não vai estar mais falando comigo, mas com outra possibilidade do eu, que também vai habitar esse corpo.

Espero que ele se dê bem, que se sinta livre, se sinta próspero em algum momento.

Esse eu aqui já entendeu que, pra corpo como o meu, liberdade não existe, mesmo com a troca de corpo.

Sinceramente, se fosse pra depender dos capitão verme, num era nem preu existir.

O melhor pra eles é que a gente se sinta assim, inexistente/preso.

Ou, se estiver livre, que a gente se sinta doente.

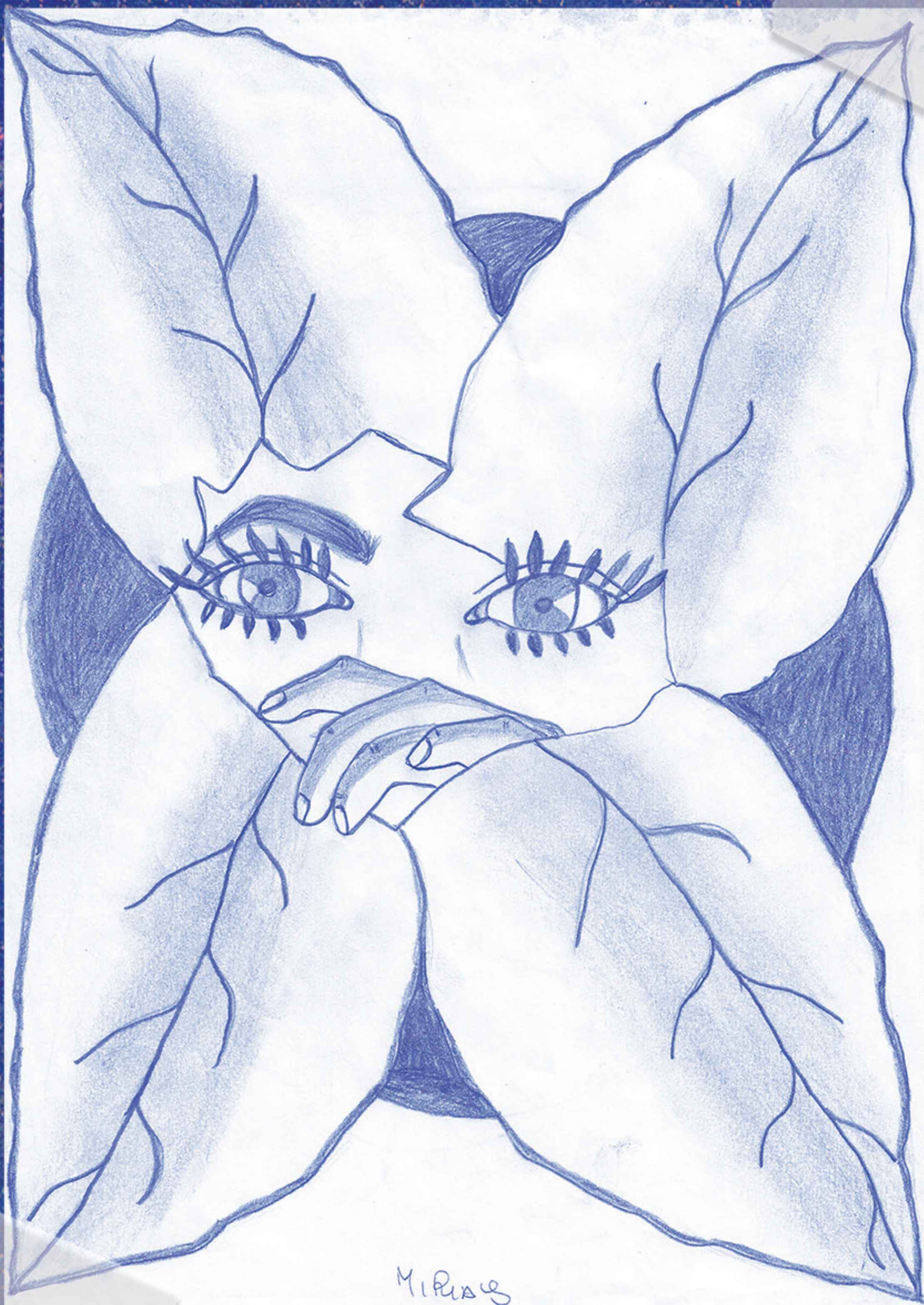
Ver nosso povo sofrer talvez seja mais atrativo que

fazer ele morrer no sentido literal.
Só que na profundidade do meu sentir.
É uma honra ser o terror deles!
Se eu existo aqui nesta terra, é porque uma parte
de mim chegou aqui de navio negreiro e a outra já
tava de forma originária.
Eles não devem ter poder sobre minha existência.
A culpa não é nossa! Repito. A culpa não é nossa! In-
sisto em devolvê-la a quem a criou.
Mais de 500 anos prendendo, punindo e matando os
nossos injustamente e não querem resistência?
A gente vive e renasce da resistência.
Aqui quem fala é um ancestral vivo,
Um Salve a todos os ancestrais vivos.
Salve os ancestrais.
Salve nossos descendentes.

PS: Pra todos os efeitos, ainda cogito a possibilidade de
dormir, acordar no meu quarto e, do fuzil pra frente,
ser tudo um pesadelo.

DEVANEIO II

Quantas mortes cabem em um corpo vivo?
Quantas vidas ainda tem um corpo que já
nasceu morto?
Fico perguntando, perguntando e me perguntando.
Será que eu tô vivo? Será que vocês estão vivos?
Existe um lugar onde a gente transita entre a vida
e a morte? Um meio.



MIRAS

Será que a gente tá nesse vai e vem entre a vida e a morte?

Logo quando a gente nasce, principalmente se vem mais pretinho, já acontece aquela primeira morte, que é a de perceber que as coisas não vão ser tão fáceis pra gente crescer nesse território. Vamos precisar do dobro de esforço e mais que o triplo de sorte.

Aí vem a morte precoce da infância.

Vem a morte da tranquilidade de não precisar se preocupar com coisas básicas, como comida, estudo, casa e dinheiro.

A morte da possibilidade de se afetar tranquilamente.

A morte das liberdades.

A morte de alguns sonhos...

E tudo isso em um corpo vivo, que transita entre essas idas e vindas de vida, meio e morte.

Qual impacto um corpo que não era nem pra ter nascido tem quando nasce? E por que ele nasce?

Por que esse corpo nasce, morre, vive?

E entre tantas mortes, também cria tantas vidas, tantas possibilidades e tecnologias de sobrevivência.

Cria arte, cria comida, cria pensamentos, desenvolve tecnologias.

Cria novos sonhos...

O poder de adaptação ao caos, de viver, dançar, contemplar vivo e/ou morto.

Agora pensando: como um corpo que em vida transita entre tantas vidas e mortes pode morrer? Morrer mesmo, no sentido de fim da existência.

Talvez esse corpo, que vive e morre, morre-vive e, mesmo quando está morto ainda está vivo, e para além de sobreviver ele vive, tenha alguma coisa pra dizer, né não?

Essa capacidade me remete a uma mutação genética. Como se esse grupo tivesse entendido e desenvolvido a arte da imortalidade, mesmo inconscientemente. As mutações são inconscientes, né?!

A questão é que a constante desse corpo sempre vai ser renascer no seu ou em outro corpo, não importa, porque é isso que ele faz.

Não existe controle pra esse fenômeno, ninguém é capaz de controlar isso.

Ninguém é capaz de controlar a existência de um corpo que já transcendeu isso.

Dá pra saber de quem eu tô falando?

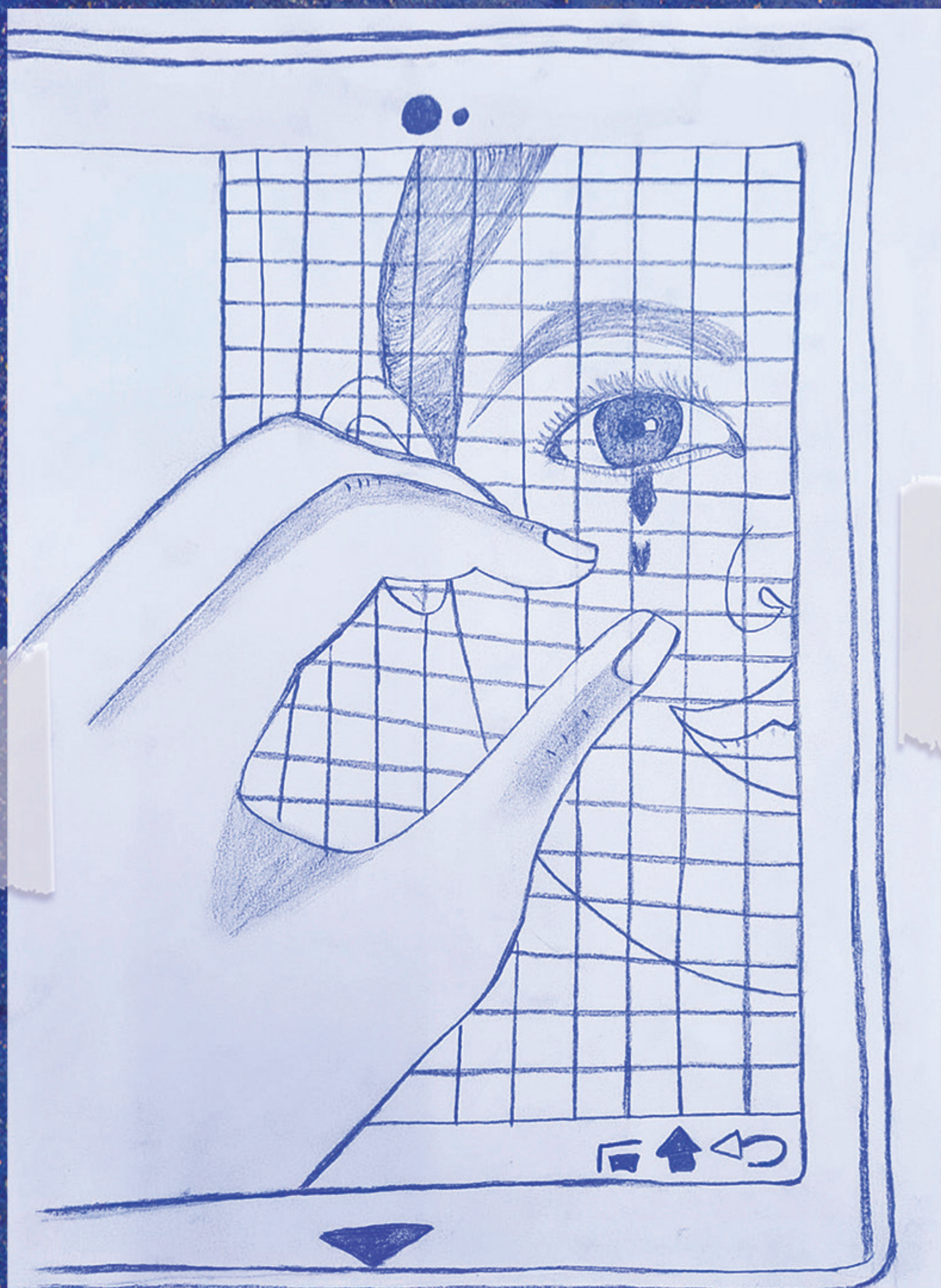
Esse corpo não vai morrer.

*NICOLAU ORI LAUREN

Artivista sobrevivente do sistema carcerário durante a pandemia, artista plástico capilar, engenheiro, poeta e escritor.

Nicolau escreveu um livro durante o período em que ficou encarcerado. Na obra, ele aborda o dia a dia dessa vivência, o perfil das pessoas presas, mapeia o sistema prisional por dentro e associa tudo isso, enquanto pessoa preta e trans, à vivência dos ancestrais escravizados, questionando conceitos de liberdade e desenvolvendo uma formulação matemática de redução penal.

VIDAS CARCERÁRIAS IMPORTAM



BÁRBARA QUERINO

Falar sobre cárcere nunca é algo fácil, principalmente quando você já passou por lá. Foi 1 ano e 8 meses encarcerada injustamente; foram muitos os atravessamentos e gatilhos que me levaram a querer desistir quase sempre. Eu me lembro da tranca, dos gritos, dos cânticos de resistência, da irmandade, da parceria das meninas e da dor.

Apesar de esse ser um assunto delicado, eu tomei como missão falar sobre ele, pois não aguentava e não aguento ver injustiça e ver que direitos básicos são violados sem culpa pelo governo. O meu trabalho é fazer com que a sociedade olhe com mais humanidade para pessoas em situação de cárcere e entenda que elas não são descartáveis.

Não se trata de aceitar o que fizeram ou deixaram de fazer, mas compreender toda uma estrutura social que moldou caminhos para que essas pessoas estivessem naquele lugar, fossem esquecidas, não tivessem mais nome, só uma matrícula, e com tudo isso definhassem sozinhas. Isso sempre me lembra da escravidão, em que as pessoas perdiam toda a sua humanidade e seguiam suas vidas sem rumo e sem história, pois eram apenas um número. E por causa disso, hoje muitos indivíduos não se reconhecem e não sabem de onde seus ancestrais vieram.

**O CÁRCERE É UMA EXTENSÃO DA
SENZALA E SE TORNOU UM TABU.**

Eu nunca acreditei que a cadeia socializasse alguém; pelo contrário, pessoas que não foram socializadas lá dentro são escravas do sistema. Eu vi e vivi de tudo, eu vi sonhos morrerem, vi esperanças morrerem, vi tanta coisa que daria milhares de livros. E mesmo assim eu vi pessoas que, independentemente de qualquer coisa, tentavam sobreviver só para ter o gosto da tão amada e esperada liberdade.

**SÃO MÃES, IRMÃS,
FILHAS, PRIMAS...
SÃO MULHERES QUE
EXISTEM E RESISTEM DENTRO
DE UM SISTEMA MACHISTA,
SÃO HISTÓRIAS QUE SEGUEM
SE REINVENTANDO E
BUSCANDO POR UMA VIDA
LONGE DA DOR.**

Por acreditar que eu poderia contribuir com algumas mudanças a partir do meu olhar e das minhas vivências, em março de 2020, fundei o projeto Vidas Carcerárias Importam (VCI), com o propósito de auxiliar – com jumbo (itens de alimentação, higiene e roupas), educação, socialização e luta por direitos – pessoas em situação de cárcere, além da população egressa. Entendi que promover o enfrentamento político por meio de ações como oficinas, palestras e rodas de conversa, seria um diferencial e uma potência em meio a um assunto que fala direta e abertamente sobre dor.

Enquanto uma artista que passou pelo cárcere, eu sempre digo que a arte me salvou. Ela tem o poder de transformar a vida de um indivíduo pelo olhar dele mesmo. E no VCI busco incentivar exatamente isto: que as pessoas sejam condutoras, estrelas e porta-vozes de suas próprias histórias, pelo próprio olhar. Pegar a dor e a raiva, canalizá-las e usá-las como combustível para transformar, mas nunca romantizá-las!

Todas as histórias são importantes. Todas as vidas são importantes. E, se a sua vida importa, Vidas Carcerárias Importam!

VIDAS CARCERÁRIAS IMPORTAM

Vidas Carcerárias Importam foi fundado por Bárbara Querino em março de 2020, com o propósito de auxiliar na educação, socializar, lutar por direitos de pessoas encarceradas e egressas, garantir a sobrevivência da população carcerária, conscientizar a sociedade através do enfrentamento político e disseminar a cultura por meio de oficinas, palestras e rodas de conversa que envolvem o cárcere.

O SONHO IMPOSSÍVEL É A ÚNICA COISA
QUE ESTÁ ENTRE O AQUI/AGORA,
E O FUTURO QUE QUEREMOS



COOPERATIVA LIBERTAS

A Libertas surgiu do encontro de duas mulheres inquietas em busca de revoluções sociais. Em 2018, Marcita chegou à Pastoral Carcerária com o intuito de se aproximar da luta anticárcere, oferecendo aulas de costura dentro do sistema prisional feminino do Butantã. Lá, foi orientada a procurar Geralda Ávila, membra da Pastoral Carcerária que estava realizando importantes atividades e articulações. Para além da proposta de assistência religiosa estabelecida por essa pastoral, prestava assistência humanitária; dava informações sobre situação processual; verificava o atendimento a gestantes e bebês; mediava leituras, coordenando uma equipe de voluntárias; promovia aulas de yoga para as internas e funcionárias, além de atividades físicas, utilizando a justiça restaurativa para mediar conflitos advindos da disputa coletiva. Assim nasceu a parceria e a amizade das fundadoras da cooperativa.

Elas iniciaram as atividades no Butantã, com a oficina de modelagem e costura à mão em que mulheres modelavam e costuravam calcinhas para elas mesmas e para presentear as companheiras. Nessas oficinas, enquanto costuravam as peças, conversavam sobre diversos assuntos, inclusive sobre saúde sexual e reprodutiva. Nessas trocas muito enriquecedoras, abordavam uma das grandes aflições que as mulheres tinham quanto ao futuro, quando ganhassem a tão sonhada liberdade, que era: o que fariam para sobreviver numa sociedade caracterizada pela falta de oportunidades de trabalho, sobretudo para elas, que estariam marcadas pelo estigma do “tem passagem”.

Juntas, começaram a desenhar um projeto para oportunizar trabalho e renda para as mulheres egressas. Teria de ser um negócio baseado na economia solidária, numa relação horizontal entre as componentes do grupo, “sem patroas, sem empregadas”. Com alguma pesquisa e sugestões, chegaram à conclusão de que a melhor forma de constituição de um negócio com essas características seria uma cooperativa. Sem capital, iniciaram uma campanha de financiamento coletivo pelo Catarse, com o objetivo de levantar fundos para subsidiar principalmente o transporte das mulheres Natalia, Claudia e Megui, que vinham da zona leste. Receberam muitos pacotes de tecido de malha de algodão orgânico doados pela Pano Social, que também emprestou duas máquinas, o que fortaleceu o processo inicial.

Assim, em 1º de abril de 2019, nasceu a Cooperativa Libertas, com duas máquinas emprestadas pela parceira Pano Social e mais duas de Marcita, muitos retalhos de algodão orgânico e uma mesa de corte. No início, a confecção era exclusiva de produtos sustentáveis direcionados, em sua maioria, ao ciclo lunar feminino, como absorventes reutilizáveis de algodão orgânico. Essa produção contava com a experiência da parceira Bruna.

No primeiro dia de liberdade, a moçambicana Hortência já veio para a cooperativa e confeccionou um absorvente e uma ecobag.

Mesmo tendo encerrado as oficinas dentro da unidade penitenciária, as pontes intra e extramuros continuaram sendo feitas, anteriormente ao perío-

do pandêmico, por Geralda nas visitas semanais à Pastoral Carcerária, além de manter o contato com todas as pessoas que eram atendidas por ela.

A cooperativa organizou sua primeira sede no Espaço Sociocultural do Centro de Integração Social pela Arte, Trabalho e Educação (Cisarte), localizado no centro da cidade de São Paulo, cedido pelo Movimento Nacional de População de Rua (MNPR). Ali foi organizada uma confecção de produtos sustentáveis produzidos em um sistema de cooperativismo, além de aulas abertas e eventos. A escolha por uma localidade central se deu principalmente porque, à época, era a única oportunidade de ter um espaço próprio para desenvolver as atividades.

Por um lado, a localização se mostrou positiva pela facilidade de acesso a serviços e órgãos públicos, em sua maioria concentrados na região central da cidade, onde, no momento do acolhimento, na saída do cárcere, as mulheres eram acompanhadas pela assistente social da Libertas para tirar documentos, fazer bilhetes de transporte e receber assistência social.

Por outro lado, a localização se mostrava difícil para muitas das integrantes do projeto, devido ao alto custo do transporte público. Com o contexto da pandemia de Covid-19, o espaço se tornou inacessível, além de os órgãos públicos estarem em grande parte fechados. Percebeu-se, assim, a necessidade de descentralizar as atividades como forma de garantir o acesso de mulheres de regiões periféricas aos serviços oferecidos. Dessa

maneira, a Cooperativa transferiu sua sede para o bairro de Sapopemba. O espaço foi cedido pela população residente da Ocupação Atibaia, conquistado pela luta por moradia.

A Cooperativa se reorganizou na Ocupação Atibaia e se deparou com outras demandas além das apresentadas pelas sobreviventes, que, aliás, continuaram chegando. Paulinha e Viviane chegaram nessa época. Paulinha já chegou se candidatando à oficina de bordado. A comunidade ocupava e participava das atividades propostas, provocando a ampliação das ações. O processo de mudança exigiu grande participação das facilitadoras e cooperadas – ao todo, éramos dez – pois o salão cedido carecia de grandes reparos e reformas.

Enquanto acontecia a reforma, no início da pandemia, tínhamos muita demanda de serviços, principalmente para confeccionar máscaras. Na impossibilidade de nos reunirmos para produzi-las, fizemos uma campanha e recebemos 12 máquinas de costura doméstica, que colocamos na casa de cada uma das cooperadas para conseguirmos dar conta de honrar esse compromisso.

Após a grande e esperada reforma, o novo espaço foi celebrado junto a um grupo de grafiteiras, que pintaram as paredes da cooperativa, dando mais cor ao novo momento. Em meio às incertezas da pandemia, as urgências do território não cessavam.

Também nesse período fomos contempladas com outras 15 máquinas e equipamentos, vindos da Design Possível, uma organização não governa-

mental (ONG) que trabalha na estruturação de projetos sociais. Assim, ao longo desse período, nossa capacidade produtiva foi aumentada e nasceram novas ações, como o Sarau Mente Pensante, o Cineclube, a Horta Comunitária, as Oficinas de Sexualidade e os atendimentos, além de orientações aos moradores do território e a criação do Zine Desenrola (material informativo distribuído nas chamadas "saidinhas"), pois há um grande déficit de informações dentro das prisões, e queremos que as mulheres encarceradas saibam que aqui fora alguém se importa com elas. Queremos criar esse elo de pertencimento.

Em 2021, a Cooperativa se deparou com algumas divergências com o tráfico local, que solicitou a divisão do espaço para algumas atividades, tensionando as relações e fazendo surgir a insegurança de lá permanecer.

Em 2022, Mirian, atual presidenta do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Cedeca) Sapopemba, oficializou o convite para que a Libertas ocupasse três salas na Rua Nova, também na região de Sapopemba, sendo duas exclusivas da cooperativa, a do ateliê de costura e a do ateliê de serigrafia; a sala de multiuso é compartilhada. No espaço, além das produções, realizam-se oficinas conduzidas pelas mulheres, explorando os talentos de cada uma. Temos oficina de bijuterias com Silvana, de costura com Gisele, de bordado com Paulinha, de reforço escolar com Dani, rodas de conversa mediadas principalmente por Natalia, almoço comunitário orientado por Hortência e reuniões com coletivos parceiros

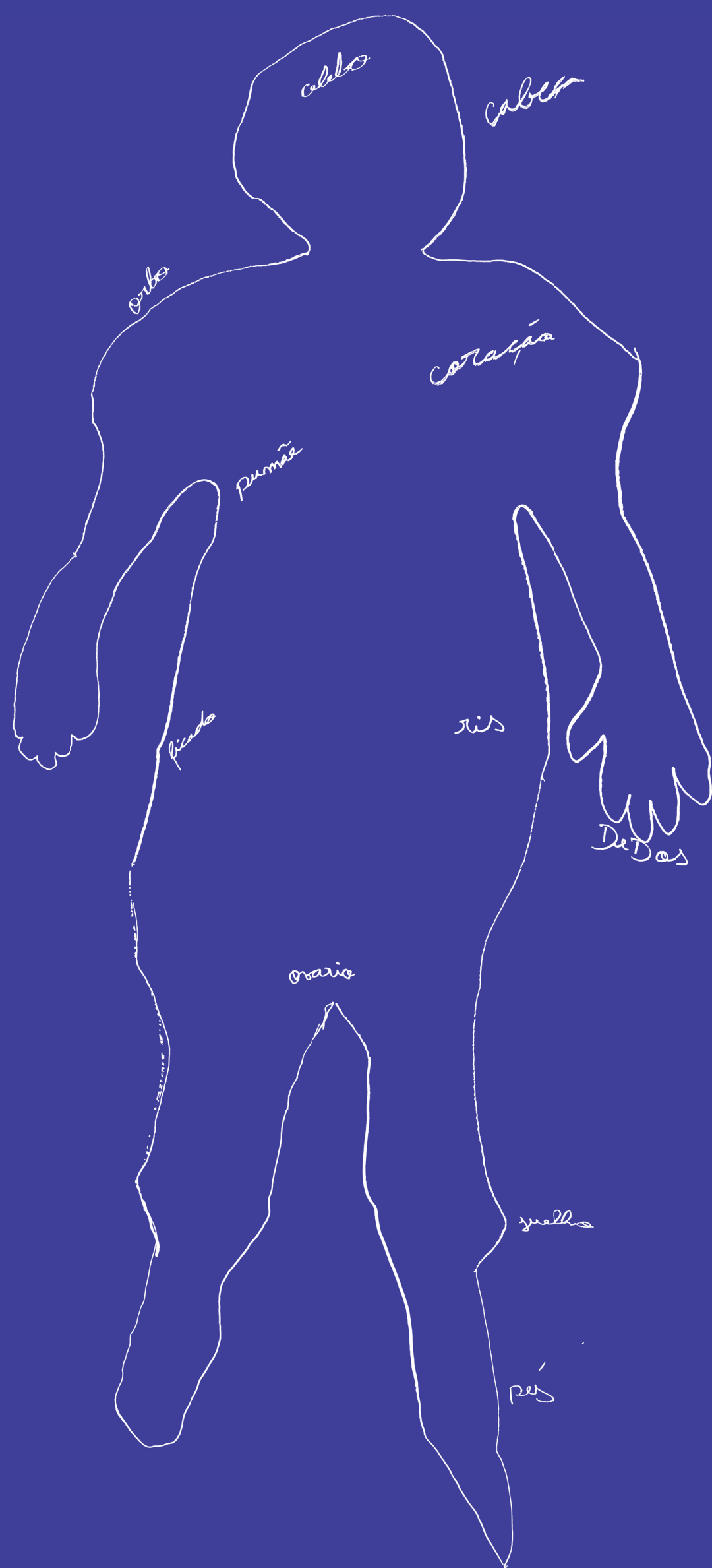
e atividades culturais, como sarau e oficinas de artes e suas diversas linguagens.

Somos oito mulheres no Estatuto da Libertas, formalizado em 2021, mas passaram pela cooperativa 32 mulheres, que por diversas razões não se fixaram. A principal delas é que primamos por identificar talentos e direcionar essas mulheres para áreas adequadas. Assim, algumas estão trabalhando como confeitadeiras, cozinheiras, vendedoras, enfermeiras, assistentes sociais, professoras de matemática ou seguindo a carreira acadêmica, por exemplo.

Numa perspectiva de futuro, pretendemos reproduzir a tecnologia social da cooperativa e formar núcleos nos estados brasileiros onde houver atuação de agentes voluntárias da Pastoral Carcerária e onde houver mulheres egressas do sistema prisional carecendo de uma oportunidade de trabalho, a fim de promovermos formação e obtenção de renda para uma vida digna e, assim, colaborar-mos na construção de um mundo sem cárceres.

COOPERATIVA LIBERTAS

Cooperativa de mulheres sobreviventes ao sistema prisional que costumam solidariedade e justiça social por um mundo sem cárcere.



Eu sou Kelly dos Reis Santos
mora na Baixada Santista
tem 3 filhas lindas estou
qui para falar da minha
~~vida~~^{vida} tem 39 anos não tem
mais Pais já faleceu estou
Preza Porque aji com mãe
e 121 mais não me arreata da
que fiz porque fui defende
meu filha de um abuso sexual
pequei 14 anos mais temha
muita fé em Deus que vou em
bora lugar lugar

RELATO POÉTICO



★ HELEN BAUM

Registrar um relato é como entrelaçar fios de memória no tecido do presente, para que o passado nunca seja esquecido e, assim, possamos tecer um novo futuro. Muitas pessoas saem da prisão e desejam esquecer suas vivências. Eu, por outro lado, mergulho na militância contra o encarceramento feminino e em massa, e luto para manter viva minha história e a de tantas outras mulheres que são aprisionadas diariamente em nosso país. Dar visibilidade ao aprisionamento feminino e às múltiplas violências que nele ocorrem é uma forma de lutar para que não se repitam, e para que não sejam esquecidas.

Eu sou Helen Baum, mãe solo, hoje com 52 anos, sobrevivente ao crack, às ruas e ao cárcere. Além disso, sou integrante da 1ª Frente de Sobreviventes do Cárcere e do Núcleo Memórias Carandiru, que faz parte do Instituto Resgata Cidadão (Irec). Sou também pesquisadora do Instituto Rino Educação, pós-graduada em Direito Penal e mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC).

Comecei a usar cocaína aos 17 anos, nas baladas com amigos do trabalho. Era um uso esporádico, geralmente aos fins de semana. Aos 24 anos, engravidei e interrompi o uso da droga por alguns bons anos. Em 2010, resolvi cursar Direito e também voltei a usar cocaína esporadicamente, mas, em 2011, minha mãe, funcionária do Fórum João Mendes, descobriu e tomou a guarda do meu filho, que tinha apenas 14

anos na época, e me expulsou de casa, proibindo-me de vê-lo.

Eu não tinha ideia de como a maternidade tinha me transformado, e perder o meu filho me fez perder a vontade de viver. Nada mais fazia sentido, e me afundei nas drogas, conhecendo o crack, um caminho sem volta talvez, se não fosse o amor incondicional pelo meu filho.

Quando comecei a usar crack, numa viagem delirante e sem ter para onde voltar, me adaptei às ruas do centro de São Paulo, encontrando pessoas iguais a mim nas diversas cracolândias do território. Senti-me acolhida nessas tribos, nas quais a maioria narrava histórias quase idênticas à minha, e me deixei estar em situação de rua por anos. Até que, em outubro de 2013, em uma dessas "assepsias" que a prefeitura insiste em fazer no centro de São Paulo, fui presa dentro da biqueira, assumindo uma quantidade de drogas considerável que a polícia encontrou no telhado. É óbvio que os verdadeiros traficantes não frequentam esses locais, mas o Estado precisa "mostrar serviço" para a sociedade e faz isso encarcerando pessoas vulneráveis. A biqueira era onde eu sentia alguma segurança, porque havia gente por perto. As mulheres em situação de rua passam por diversos abusos e violências, e estar sozinha pode aumentar os riscos.

Passei quatro dias na delegacia aguardando transferência para o Centro de Detenção Provisória (CDP)

de Franco da Rocha e só me dei conta da situação em que me encontrava quando entrei no convívio do CDP. Lembro-me do medo que senti ao saber que a prisão era em outra cidade. Eu não conhecia aquele local, não sabia onde era Franco da Rocha e entrei em pânico. Um desespero avassalador me invadiu, medo de não sobreviver naquele lugar. Meu único pensamento foi voltar a ver meu filho, nem que fosse por só mais um dia, e foi isso que me deu forças para superar dia após dia naquela máquina de destruir pessoas. Dias sombrios passaram, com crises de abstinência, adaptação, aprendizagem do dialeto (gírias carcerárias), conhecimento da disciplina da cadeia imposta pelas próprias mulheres presas e conquista do respeito entre elas. Afinal, "nóia" é nada na cadeia. Cheguei a fazer um dicionário com as novas palavras que aprendi na prisão.

Fiquei presa na penitenciária de Franco da Rocha, no interior de São Paulo, por 1 ano e 6 meses. Depois desse período, fui transferida para o Centro de Progressão Penitenciária (CPP) Feminino Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira, no Butantã, onde permaneci mais 1 ano e 9 meses.

Enfrentei muitos desafios na prisão devido à dependência química. Lutei, briguei e sofri, mas também encontrei empatia entre as mulheres que compartilhavam da mesma situação. Na prisão, não havia rotina, apenas o constante medo e a incerteza do que o próximo momento poderia trazer. A prisão é um lugar onde não se dorme, apenas se cochila, sempre

alerta para qualquer perigo iminente. E, apesar de todas as dificuldades e desafios, a vida na prisão seguia, dia após dia, em uma realidade distorcida pela violência e pelo desespero. Foi uma época muito difícil, principalmente por ter de lidar com a abstinência do crack: uma luta constante entre sobrevivência e dependência química. Lembro-me vividamente do desespero e das dores intensas. Desde o primeiro dia na prisão, sabia que precisava sair dali para ver meu filho, que já era um pré-adolescente na época e que eu já não via há muito tempo, desde que fui para as ruas.

Por constantes confusões em que me envolvi por conta da abstinência, comecei a ter atendimento contra dependência química no Hospital Penitenciário (antigo Centro de Observação Criminológica (COC)), na Zona Norte de São Paulo, para o qual era levada uma vez por mês, ao contrário das outras mulheres que foram presas comigo, no mesmo local. Atribuo essa diferença de tratamento ao racismo, já que as outras mulheres não eram brancas como eu.

**NÃO TEM COMO FALAR
SOBRE O SISTEMA PRISIONAL
SEM FALARMOS SOBRE RACISMO.**

Mesmo sendo atravessada pelo sistema, percebi que o tratamento era desigual. As mulheres negras enfrentavam uma discriminação ainda mais severa, com menos acesso a tratamentos de saúde, oportunidades de reabilitação e programas educativos, reforçando um ciclo de marginalização e exclusão.

Em 2015, fui transferida para o CPP do Butantã, em regime semiaberto, em que precisei recomeçar minha jornada carcerária. Essas transições são extremamente difíceis; cada unidade tem sua própria disciplina, e a adaptação com as novas companheiras não é nada fácil. É como se começássemos do zero: celas superlotadas, poucos pertences, sem "jega" (cama) e rodeada de pessoas estranhas, todas tentando superar suas dores.

Além das dificuldades de adaptação, enfrentamos uma constante sensação de insegurança e vulnerabilidade. A convivência com tantas histórias de vida diferentes e, muitas vezes, traumáticas, torna o ambiente ainda mais desafiador. Cada nova transferência é um recomeço forçado, em que precisamos nos ajustar às regras e à dinâmica do novo local, além de tentar construir novas relações de confiança em um ambiente que muitas vezes é marcado pela desconfiança e pela hostilidade.

A superlotação das celas agrava ainda mais a situação, aumentando o estresse e a tensão. A falta de recursos básicos e a precariedade das condições de vida dentro do sistema prisional dificultam a recu-

peração e a reintegração social. No entanto, apesar de todas essas adversidades, encontrar forças para continuar e buscar uma vida melhor se torna essencial para a sobrevivência e para a esperança de um futuro diferente.

Minha mãe, que havia começado a me visitar em Franco da Rocha, parou de fazê-lo quando fui transferida. Além de a nova unidade ser mais distante, ela também estava lidando com problemas de saúde mental. Com o tempo, comecei a ter saídas temporárias, e meu único objetivo era reconstruir minha relação com meu filho. Na primeira oportunidade, procurei por ele e pedi uma chance para reconquistar sua confiança. Ele foi minha salvação, acolhendo-me com muito amor.

Apesar das dificuldades e do tempo que passamos separados, nosso reencontro foi um momento de esperança e redenção. Eu sabia que reconquistar a confiança dele não seria fácil, mas estava disposta a fazer o que fosse necessário. Cada pequena vitória, cada gesto de carinho, dava-me forças para continuar lutando contra o meu passado e construir um futuro melhor para nós dois.

Durante minhas saídas temporárias, aproveitava cada momento para mostrar ao meu filho que eu estava mudada e comprometida em ser uma mãe presente e amorosa. Passávamos tempo juntos, conversávamos e redescobríamos nossa conexão. Esses momentos eram preciosos e me motivavam a seguir

em frente, enfrentando os desafios com determinação e coragem.

A jornada de reconstrução do nosso relacionamento foi longa e cheia de obstáculos, mas o amor incondicional do meu filho foi a chave para a minha transformação. Ele acreditou em mim quando eu mesma duvidei, e a confiança mútua nos fortaleceu. Juntos, começamos a criar novas memórias e a superar as cicatrizes do passado, construindo um vínculo ainda mais forte e profundo.

A experiência na prisão me deixou com muito ódio e revolta, o que dificultou minhas interações sociais. Foram quatro anos de luta, dores e solidão, até a minha soltura em 2017. Após ser liberada, fui morar em Praia Grande, no litoral de São Paulo, no mesmo ano em que minha mãe faleceu. Precisei fazer um tratamento no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) para me libertar dos psicotrópicos que tomava.

A reinserção na sociedade tem sido difícil. Apesar de ter uma rede de apoio, formada principalmente por minha família e pela Primeira Frente dos Sobreviventes do Cárcere, ainda enfrento muitas dificuldades. A sociedade ainda me trata com preconceito e discriminação, e encontrar emprego na minha área de atuação tem sido praticamente impossível. É uma luta constante, e reconheço que muitas pessoas egressas do sistema prisional enfrentam os mesmos desafios.

Mesmo com o apoio que recebo, a rede ainda é pequena e não consegue atender a todas as minhas necessidades. É uma batalha que parece interminável, mas continuo lutando na esperança de que as gerações futuras encontrem um caminho mais fácil.

O sistema prisional me ensinou que sou muito mais forte do que jamais imaginei. Cada dia é uma prova de resistência e determinação, e, mesmo diante das adversidades, continuo a buscar uma vida melhor. A experiência também me fez perceber a importância de lutar contra o sistema prisional e a forma como a sociedade trata as pessoas egressas. A luta pela reintegração é coletiva, e é essencial que as vozes daqueles que passaram pelo sistema prisional sejam ouvidas e respeitadas.

A vida fora da prisão é cheia de desafios, mas também de pequenas vitórias que me lembram da minha capacidade de superação. Cada conquista, por menor que seja, representa um passo em direção a uma nova vida. A jornada é longa e árdua, mas é minha, e cada passo que dou é uma afirmação da minha força e resiliência.

Sobrevivi às ruas, ao crack e ao sistema prisional, portanto, sou muito mais do que um número de matrícula. No sistema prisional, a luta é pela sobrevivência todos os dias, e aqui fora não é diferente. Toda manhã antes de sair de casa, visto minha armadura, porque sei que estou saindo para lutar. Quando estava nas ruas, envolvida com o crack, achava que

não tinha nada a perder, que só tinha dois caminhos: a morte ou a cadeia. Hoje não é assim, minha perspectiva mudou. Sei que não consigo mudar o mundo, mas meu objetivo é continuar lutando para abrir caminhos. Quero que, depois da minha morte, outras pessoas continuem lutando, pois todos os nossos direitos foram conquistados com muita luta e sacrifício. Tenho muitos medos, mas o maior deles é ter alguém que amo preso e não ter feito nada para mudar esse sistema.

**PARTIREI COM A CERTEZA DE
QUE PLANTEI SEMENTES E
DE QUE MAIS PESSOAS,
DEPOIS DA MINHA TRAJETÓRIA,
CONTINUARÃO PLANTANDO SEMENTES.**

Hoje sinto muito orgulho de mim mesma, porque meu filho se orgulha de mim, e esse era o objetivo desde o início da caminhada.

Em 2022, voltei para a cidade de São Paulo para trabalhar no Núcleo Memórias Carandiru, onde estou até hoje lutando contra a invisibilidade do aprisionamento feminino e pelos direitos das mulheres presas e seus familiares e de egressas do sistema prisional.

Cada dia é uma nova oportunidade de transformar dor em força, de transformar cicatrizes em histórias de resistência. Sou uma voz entre tantas que clamam por justiça e dignidade, e continuarei a erguer essa voz até meu último suspiro. O sistema prisional não me quebrou; ele apenas revelou minha verdadeira força. Sou um testemunho vivo de que, mesmo nas trevas, há sempre uma centelha de esperança.

A vida me ensinou a valorizar cada pequena vitória e a continuar plantando sementes de mudança, na esperança de que um dia elas floresçam em um mundo mais justo. Minha jornada não termina aqui; ela continua em cada pessoa que se inspira na minha história para lutar por um futuro melhor. Hoje, sou a mulher que nunca imaginei que poderia ser: forte e determinada a fazer a diferença. E, assim, sigo adiante, com meu filho ao meu lado, orgulhosa de quem me tornei e esperançosa pelo que ainda está por vir.

***HELEN BAUM**

52 anos, sobrevivente ao crack, às ruas e ao cárcere. Integrante da 1ª Frente de Sobreviventes do Cárcere e do Núcleo Memórias Carandiru, que faz parte do Instituto Resgata Cidadão (Irec). Pesquisadora do Instituto Rino Educação, pós-graduada em Direito Penal e mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC).

PROGRAMAÇÃO

**Bate-Papo #Cancela:
Ações afirmativas no
enfrentamento da política do
encarceramento feminino
em massa.**

com Rachel Gouvêia, Natalia
Corazza Padovani, Naty Domingos
Mediação: Catarina Pedroso

11/9

Quarta, 19h30
Área de Convivência
Grátis - Livre

**Espetáculo de teatro:
Parto Pavilhão**

Direção Naruma Costa

17/9 a 18/10

Terça a sexta, 20h30
Espaço Cênico
R\$60 / R\$30 / R\$18
14 anos

**Exibição do documentário
"Quando elas cantam e
bate-papo com convidadas"**

Direção Maria Fanchin

18/9

Quarta, 19h30
Galpão
Grátis - Livre

Bate-Papo com Carmina Juarez,
Erika A. de Moura Maria Fanchin,
Precious Mantsho Ndubuisi
Mediação: Bárbara Esmenia

Oficinas de Artes Têxteis

com Cooperativa Libertas

- **Vulva e auto-conhecimento**
- **Absorventes reutilizáveis e sustentáveis**
- **Biquini de crochê**

24 a 26/9

Terça a quinta, 19h

Biblioteca

Grátis - Livre

* Retirada de senha com 30 min. de antecedência

Roda de Conversa e Lançamento do Livro

“Parto Pavilhão”

com Olaegbé Jessica Nascimento, Dina Alves e Jhonny Salaberg

28/9

Sábado, 18h

Área de Convivência

Grátis - Livre

Oficina de Teatro

“Parir Imaginários”

com Aysha Nascimento

2/10

Quarta, 14h

Espaço Cênico

Grátis - 16 anos

Inscrições online

Oficina de Dramaturgia

“A Escrita entre o Voo e o Abismo”

com Jhonny Salaberg

15/10

Terça, 14h

Espaço Cênico

Grátis - 16 anos

Inscrições online

LISTA DE COLETIVOS E ONGS PARA CONHECER

Vidas Carcerárias Importam (VCI)

Projeto que atua diretamente com pessoas em situação de cárcere, encaminhando produtos básicos de higiene pessoal, alimentação e limpeza para elas, garantindo, assim, a saúde dessas pessoas, alimentação digna e a higienização do espaço em que se encontram.

Instagram: @projetovci

Site: apoia.se/vidascarcerariasimportamvci

Cooperativa Libertas

Libertas é uma cooperativa de trabalho e desenvolvimento social voltada para a conquista da autonomia financeira de mulheres sobreviventes ao sistema prisional, por meio da fabricação de produtos e artes têxteis e de ações educativas visando a justiça social.

Instagram: @cooperativoliberaltas

Site: cooperativoliberaltas.org

Memórias Carandiru

Projeto capitaneado por educadores e sobreviventes do cárcere que realizam rodas de conversa, palestras e roteiros de memória. O objetivo é preservar e difundir a memória dos ex-presidiários da extinta Casa de Detenção de São Paulo e do Complexo do Carandiru.

Instagram: @memoriacarandiru

Rede Justiça Criminal

Coalizão composta de nove organizações da sociedade civil brasileira que, desde 2010, luta para reverter a lógica do encarceramento em massa e por um sistema de justiça que não viole os direitos humanos.

Instagram: @redejusticacriminal

Site: redejusticacriminal.org

Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania

Órgão da Secretaria da Administração Penitenciária do Governo do Estado de São Paulo que promove ações para inclusão, atualização e capacitação da população presa, com o objetivo de inseri-la no mercado de trabalho, além de atender familiares dessas pessoas e indivíduos em penas alternativas.

Instagram: @reintegracao_sp

Site: sap.sp.gov.br/crsc.html

Telefone: (11) 3101-2406

Frente Estadual pelo Desencarceramento

Movimento social que articula redes, associações, organizações, coletivos, além de sobreviventes do cárcere e seus familiares, na luta pelo desencarceramento.

Instagram: @desencarcerasp

Elas Existem

O Coletivo Elas Existem tem como missão lutar pelo desencarceramento e pela redução do sofrimento, garantindo os direitos de mulheres e adolescentes cis, trans e travestis em privação de liberdade.

Instagram: @aelasexistem

Site: elasexistem.org

Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas

Organização da sociedade civil e ONG que atua, desde 2015, pela construção de uma agenda de justiça racial e econômica, promovendo ações de *advocacy* em direitos humanos e propondo reformas na atual política de combate às drogas.

Instagram: @iniciativa_negra

E-mail: contato@iniciativanegra.org.br

Site: iniciativanegra.org.br

Pastoral Carcerária Nacional

Pastoral social ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que age junto às pessoas presas e suas famílias, acompanhando e intervindo na realidade do cárcere brasileiro de forma cotidiana.

Instagram: @pcrnacional

Site: carceraria.org.br

Instituto Resgata Cidadão

O núcleo de cultura dessa ONG se dedica à preservação e difusão da memória de ex-presidiários do Complexo Penitenciário Carandiru, promovendo a história e a museologia social, além do direito à memória e à reparação.

Instagram: @irec.org

Site: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/instituto-resgata-cidadao-irec>

Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC)

O ITTC é uma organização de direitos humanos fundada em 1997 cujos objetivos são erradicar a desigualdade de gênero, garantir direitos e combater o encarceramento.

Além disso, o instituto tem como missão promover o acesso à justiça e garantir os direitos das pessoas em situação de cárcere, produzindo conhecimento por meio de atuação constante e sistemática nos seguintes eixos de ação: atendimento direto, diálogo público e educação para a cidadania.

Instagram: @comunicaittc

Site: ittc.org.br

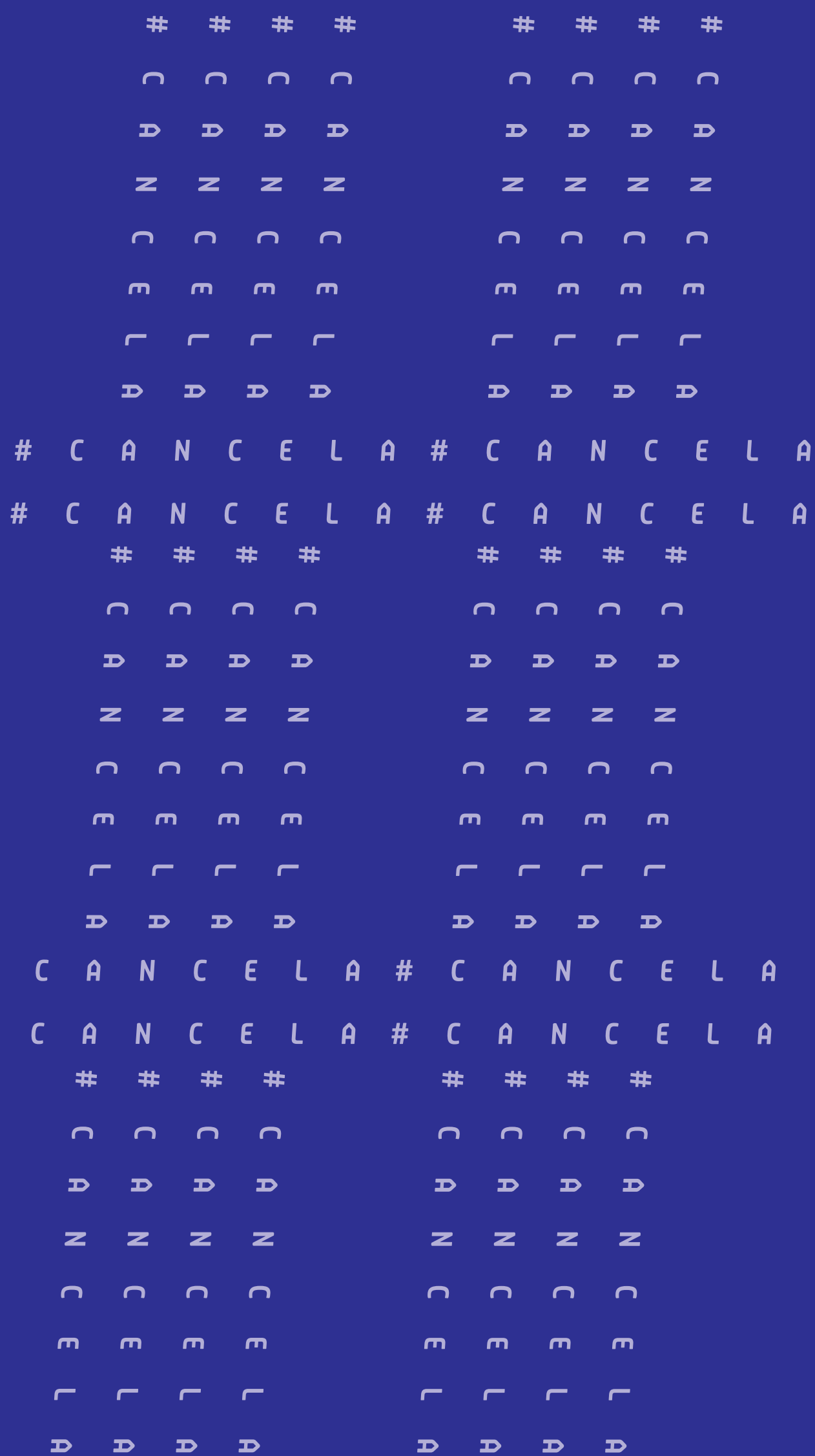
RELATOS POÉTICOS GRÁFICOS

MIRIAN BAIÃO CAMBOLD

Mirian Baião Cambolo é angolana e mãe de três filhos. Ela é especialista em tranças afro, desenhista em caricatura gráfica a lápis, ilustradora, dançarina, escritora, poeta e atriz.

GRUPO DO TRECHO

Trechos retirados do livro “Ponto Cego e as vozes inaudíveis”, criados entre outubro de 2016 e janeiro de 2017, pelo Grupo do Trecho e por seis mulheres cujas vidas foram profundamente marcadas pela ação do Estado: Doralice de Oliveira Fonseca, Kelly dos Reis Santos, Lindasony Salgado Pereira, Tatiane Antunes, Valdelice Duarte Torres e Viviane Batista. Mulheres que, para além do fato de terem estado detidas ao mesmo tempo na Penitenciária Feminina de Santana, em São Paulo/SP, não tinham muito em comum uma com a outra. Suas vidas foram marcadas pela detenção e seguiram caminhos tortuosos.



ECOS DO CÁRCERE

De 11/9 a 18/10

**Consulte a classificação
indicativa de cada atividade**

**Mais informações em
sescsp.gov.br/cancela**

Sesc Pompeia

Rua Clélia, 93 - São Paulo

tel. +55 11 3871.7700

   /sescpompeia

sescsp.org.br